

Só a voar te podes libertar.
«Uma aventura fantástica,
excitante e de tirar o fôlego.»

MAXIMUM RIDE

LIVRO 2

ADEUS À ESCOLA

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE 250 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

TODOS ADORAM A MAX!

Bestseller do New York Times e da Publishers Weekly, Maximum Ride é uma saga de êxito absoluto, tanto junto da crítica como dos leitores:

Uma nova aventura alucinante, na qual seguimos Max e o seu bando enquanto estes lutam pelas suas vidas... Uma sequela repleta de ação e de capítulos curtos e emocionantes, que deixará os leitores sem fôlego.

— **Kirkus Reviews**

Patterson sabe onde se escondem os nossos medos mais profundos... Não existe travão para a sua imaginação.

— **New York Times Book Review**

Uma história contada de forma hábil e a um ritmo frenético.

— **The Sunday Times**

[James Patterson] apresenta em Maximum Ride uma mistura entre X-Men, da Marvel Comics, e Boxcar Children, de Gertrude Chandler Warner.

— **Booklist**

[Em Maximum Ride 1: O Resgate de Angel] Patterson fez um livro viciante, muito bem montado, que tem tudo para ser das sagas mais lidas pelos adolescentes no nosso país.

— **lerycriticar.blogspot.com**

Maximum Ride 1: O Resgate de Angel é um livro que proporciona boas horas de entretenimento. Uma aposta assertiva da Topseller, para miúdos e graúdos, que certamente ainda dará muito que falar.

— **historiasdeelphaba.blogspot.pt**

Um livro que se lê muito bem, uma aventura que está longe de terminar e um autor que promete.

— **branmorrighan.blogspot.pt**

MAXIMUM RIDE

LIVRO 2

ADEUS À ESCOLA

JAMES PATTERSON



TOPSELLER

livros que se devoram

PARTE 1

**NEM PAIS,
NEM ESCOLA,
NEM REGRAS**



Vogar, pairar, descer e subir as correntes de ar — não há nada melhor. Num raio de quilómetros, éramos as únicas presenças no céu azul-claro vasto e infinito. Querem uma injeção de adrenalina? Tentem encolher as asas, mergulhar como uma bomba para aí mil metros e depois *zás!*, asas abertas, abocanhar uma corrente de ar como um *pit bull* e fazer o voo das vossas vidas... Meu Deus, não há melhor, nada é mais divertido, mais excitante.

OK, podemos ser uns anormais duns mutantes, estamos sempre a ter de fugir, mas pá, voar!... Por alguma razão é uma coisa com que todos sempre sonharam.

— Ai, credo! — disse Gazzy todo excitado. E apontou: — Um óvni!

Contei mentalmente até dez. Não havia nada no sítio para onde ele estava a apontar. Típico.

— Isso teve graça as primeiras cinquenta vezes, Gazzy — disse eu. — Vê lá se arranjas outra.

Ele riu-se, a umas batidas de asa de mim. Não há nada como o sentido de humor de um miúdo de oito anos.

— Max? Quanto tempo falta para Washington? — perguntou Nudge, aproximando-se de mim. Parecia cansada. Tínhamos tido um dia feio e comprido. Bem, *mais um* numa longa série de dias feios e compridos. Se alguma vez chegar a ter um dia fácil e bom, se calhar passo-me.

— Mais uma hora, hora e meia... — respondi.

Nudge não disse nada. Dei uma olhadela rápida ao resto do bando. Fang, Iggy e eu estávamos a aguentar, mas temos mais energia. Quer dizer, os mais novos também têm energia, especialmente se comparados com os pequenos humanos não mutantes. Mas mesmo eles acabam por ficar sem bateria.

A questão é esta — para quem acabou de juntar à nossa viagem. Somos seis: Angel, de seis anos; Gazzy, oito; Iggy, que tem catorze e é cego; Nudge, onze anos; Fang e eu (Max), catorze, tal como Iggy. Fugimos do laboratório onde fomos criados e onde nos deram asas e outros poderes sortidos. Eles querem-nos de volta... à força toda. Mas não vamos voltar. Nunca mais.

Passsei o *Total* para o meu outro braço, feliz por ele não pesar senão dez quilos. Acordou ao de leve e depois estendeu-se no meu braço e voltou a adormecer, com o vento a levantar-lhe o pelo preto. Eu queria um cão? Não. Eu preciso de um cão? Também não. Éramos seis miúdos em fuga, a tentar salvar a vida, sem saber de onde viria a nossa próxima refeição. Tínhamos condições para alimentar um cão? Pois claro que não.

— Estás bem? — Fang pôs-se a voar ao meu lado. As suas asas eram escuras e quase silenciosas, como o próprio Fang.

— Em que aspeto? — perguntei. Quer dizer, havia o pormenor da dor de cabeça, o pormenor do *chip* no braço, o pormenor constante da Voz dentro do meu cérebro, o pormenor do meu ferimento de bala a sarar... — Não podes ser mais específico?

— Por teres matado o Ari.

O fôlego gelou-se-me na garganta. Só Fang conseguia ir direito ao cerne da questão daquela maneira. Só Fang me conhecia tão bem e chegava tão fundo.

Quando estávamos a fugir do Instituto, em Nova Iorque, tinham aparecido Erasers e batas-brancas para nos impedir, claro. Deus não ia permitir que a nossa fuga fosse canja. Os Erasers, para

quem não saiba ainda, são criaturas tipo lobo que nos perseguem constantemente desde que fugimos do laboratório, ou da Escola ou como queiram chamar-lhe. Um dos Erasers era o Ari. Lutámos, como já tínhamos lutado, e então de repente, sem aviso, eu estava sentada no seu peito, a olhar para os seus olhos sem vida, para o seu pescoço dobrado num ângulo estranho.

Tinha sido há menos de vinte e quatro horas.

— Eras tu ou ele — disse calmamente Fang. — Ainda bem que optaste por ti.

Deixei sair um longo suspiro. Os Erasers tornam tudo mais simples: não têm escrúpulos em matar, por isso uma pessoa perde também qualquer escrúpulo. Mas com o Ari era diferente. Reconheci-o, lembrava-me dele em miudinho, lá na Escola. Conhecia-o.

Mais: havia aquele uivo, último, horrível, do pai do Ari, Jeb, a ecoar-me no cérebro, uma e outra vez, enquanto voava pelos túneis: «Mataste o teu irmão!»

2

Claro está, Jeb era um manipulador traiçoeiro e um mentiroso, por isso pode ter querido apenas tramar-me. Mas a sua angústia, quando viu que o filho estava morto, parecia real.

E mesmo que eu despreze muito Jeb, ainda sinto como se tivesse um demónio no peito.

Tinhas de o fazer, Max. Ainda estás a lutar por valores mais altos. E nada pode interferir com isso. Nada pode interferir com a tua missão de salvar o mundo.

Absorvi uma nova golfada de ar com o queixo cerrado. *Bolas, Voz, que pirosa. Não tarda estás a dizer-me que sem partir ovos não faço omeletes.*

Suspirei. Sim, tenho uma Voz dentro da cabeça, quer dizer, um outro eu além de mim mesma. Tenho quase a certeza de que, se procurarem o termo «maluco» num dicionário, encontram lá uma boa descrição minha. É só mais uma faceta do meu pacote de anormal-mutante-criança-pássaro.

— Queres que eu o leve? — perguntou Angel, apontando para o cão no meu colo.

— Não, tudo bem — disse eu. Ele sempre pesa quase metade de Angel. — Já sei — disse alegremente. — O Fang leva-o.

Dei um impulso extra às asas e fui ter com Fang.

— Toma — disse eu, baixando o *Total*. — Toma um cão que eu te dou. — O *Total* estremeceu um pouco mas passou para os bra-

ços de Fang. Deu-lhe uma lambidelazita e eu tive de morder a bochecha para não me rir da expressão de Fang.

Acelerei, passando para a frente do bando, com uma excitação que ultrapassava a minha fadiga e o peso muito pesado do que tinha acontecido. Aproximávamo-nos de uma nova encruzilhada — e desta vez até podíamos encontrar mesmo os nossos pais. Tínhamos escapado aos Erasers e aos batas-brancas, os nossos «guardiões». Estávamos todos juntos e ninguém fora ferido com gravidade. Por um breve instante, senti-me livre e forte, como se estivesse a começar de novo, tudo de novo. Havíamos de encontrar os nossos pais — eu sentia-o.

Sentia... Fiz uma pausa, tentando encontrar um nome para a sensação.

Sentia-me tipo otimista. Apesar de tudo.

O otimismo está mal cotado na bolsa, Max, disse a Voz. É melhor enfrentares a realidade.

Só gostava de saber se a Voz me podia ver a revirar os olhos, cá de dentro.

3

Tinha escurecido há muito. Já devia ter ouvido qualquer coisa naquela altura. O temível Eraser parou na pequena clareira e de repente o ruído de estática no seu ouvido fê-lo estremecer. Apertou o auricular e pôs-se à escuta.

O que ouviu fê-lo sorrir, apesar de se sentir morto, apesar de estar com uma raiva tão grande que até pensou que podia arder de dentro para fora.

Um dos seus homens viu-lhe a expressão e fez sinal aos amigos para ficarem quietos. Ele fez que sim, disse «Percebi» para o microfone e desligou o transmissor.

Olhou para as tropas.

— Já temos as coordenadas — disse. Tentou resistir a esfregar as mãos, mas não se conteve. — Dirigiram-se para su-sudoeste e passaram Filadélfia há meia hora. O Diretor tinha razão... vão para Washington DC.

— Essa informação é sólida? — perguntou um dos Erasers.

— De fonte segura — disse ele, já a verificar o equipamento. Fez rodar os ombros, ameaçador, e engoliu um comprimido para as dores.

— Qual fonte? — perguntou outro Eraser, levantando-se e baixando um monóculo de visão noturna sobre o olho direito.

— Digamos apenas que é uma informação interna — disse o chefe dos Erasers, sentindo a alegria na própria voz. Sentia o coração a disparar de antecipação, os dedos em pulgas para apertarem

o pescocinho de uma daquelas crianças-pássaros. E então começou a *transformar-se*, observando as próprias mãos.

A sua pele humana delicada em breve se cobriu de uma pelagem dura; garras afiadas irromperam-lhe dos dedos. A metamorfose tinha doído de início — o seu ADN de lobo não estava aparentemente bem inserido nas células estaminais, como nas dos outros Erasers. Por isso havia uns pormenores a trabalhar, um período de transição doloroso e difícil que tinha de atravessar.

Mas não se queixava. Tudo valia a pena pelo prazer de enfiar as garras em Max e sacar-lhe a vida. Imaginava o olhar de surpresa que ela lhe lançaria, a forma como se debateria nas suas mãos. E depois veria a luz desvanecer-se nos seus lindos olhos castanhos. Não se ia achar tão boa, nessa altura. Não o ia olhar de alto, ou pior, *ignorá-lo*. Só porque ele não era um monstro mutante como eles, não significava nada para ela. Ela só queria saber do seu bando isto, do seu bando aquilo. O seu pai, Jeb, também só se ralava com isso.

Uma vez que Max estivesse morta, tudo iria mudar.

E ele, Ari, seria o filho número um. *Tinha voltado dos mortos para ocupar o seu posto.*

4

Ao lusco-fusco, passámos por um pedaço da Pensilvânia e uma faixa fina de oceano acompanhou-nos entre Nova Jersey e o Delaware.

— Olhem para isto, malta, estamos a aprender geografia! — disse Fang com uma excitação fingida. Dado que nunca fomos à escola, a maior parte do que tínhamos aprendido vinha da televisão ou da Internet. E, mais recentemente, da Vozinha sabichona que tenho na cabeça.

Em breve, sobrevoávamos Washington DC. Que era mais ou menos onde o meu plano terminava. Por esta noite, só me interessava encontrar comida e um sítio para dormir. Amanhã teria tempo para estudar a informação que tínhamos arranjado no Instituto. Eu tinha ficado muito entusiasmada quando entrámos nos computadores do Instituto. Páginas e páginas de informação sobre os nossos pais verdadeiros. Tínhamos conseguido imprimir uma data delas antes de sermos interrompidos.

Quem sabe... amanhã por esta hora podíamos estar à porta de alguém, prontos para conhecer cara a cara os pais que perdemos há tantos anos. Isso lançava-me arrepios pela espinha.

Estava cansada. Estávamos todos. Por isso, quando fiz uma volta de 360 graus em piloto automático e vi uma estranha nuvem negra a pairar sobre nós, o meu gemido foi profundo e sincero.

— Fang! O que é aquilo? Por cima de nós, às dez horas.

Ele franziu o sobrolho, observando.

— É rápido de mais para uma nuvem de tempestade. Pequeno e silencioso de mais para helicópteros. Também não são aves, demasiado grosseiras. — Olhou para mim. — Desisto. O que é?

— Problemas — disse sombriamente. — Angel! Sai da frente. Malta, olhem para cima! Temos companhia!

Demos a volta para enfrentar fosse o que fosse que ali vinha. Rápido!

— Macacos voadores? — atirou Gazzy o seu palpite. — Como no *Feiticeiro de Oz*?

A verdade atingiu-me de repente.

— Não — respondi com a voz tensa. — Pior. Erasers voadores.

5

Pois. Erasers voadores. Estes Erasers tinham asas, o que era uma inovação revoltante no que tocava aos Erasers. Meio lobos, meio humanos e agora meio aves? Não podia dar uma mistura agradável. E estavam a avançar na nossa direção a uns cem à hora.

— Erasers, versão 6.5 — disse Fang.

Separem-se, Max. Pensa em 3D, disse a minha Voz.

— Dividam-se! — ordenei. — Nudge! Gazy! Às nove horas! Angel, para cima. Mexam-se! Iggy e Fang, cubram-me os flancos por baixo! Fang, larga o cão!

— Nããão, Fang! — guinchou Angel.

Os Erasers abrandaram, com as suas enormes e pesadas asas a bater para trás no ar. Estava agora um escuro de breu, sem lua nem luzes da cidade lá em baixo. Ainda assim, conseguia ver-lhes os dentes e as garras pontiagudas, os sorrisos de excitação. *Andavam à caça — ia haver festa!*

Cá vamos nós, pensei, sentindo a adrenalina a disparar no coração. Atirei-me ao maior, rodando o pé por baixo de mim própria para lhe acertar no peito. Ele rolou para trás, mas endireitou-se e atirou-se a mim outra vez, com as garras a zunir no ar.

Esquivei-me, sentindo-lhe as patas a passar junto ao meu rosto. Virei-me de repente, mesmo a tempo de levar com um punho peludo na cabeça.

Caí imediatamente três metros, mas voltei a subir ao ataque. Com a visão periférica, vi Fang bater com ambas as mãos com força contra as orelhas de um Eraser. O Eraser guinchou, agarrado à cabeça, e começou a perder altitude. Fang tinha o *Total* na mochila. Afastou-se e fiquei no seu lugar, apanhando outro Eraser na boca com um forte pontapé de lado.

Agarrei-lhe num dos braços, torcendo-o violentamente para trás. Era mais difícil em voo, mas acabei por ouvir um estalo.

O Eraser gritou e caiu, adernando para baixo até se recompor e voar atabalhoadamente para longe, com um braço a abanar ao vento.

Acima de mim, um Eraser voava para Nudge, mas ela pôs-se fora de alcance.

Max? O tamanho não é tudo, disse a Voz.

6

Já percebi! Os Erasers eram maiores e mais pesados, as suas asas eram quase o dobro das nossas em comprimento. Mas, ali no ar, isso era uma desvantagem.

Arfando, encolhi-me quando um Eraser rodou um pé calçado numa bota negra, apanhando-me nas costelas, mas sem grande força.

Fui a correr dar-lhe uns socos, acertando-lhe de lado na cabeça, após o que me pus a milhas.

Comparados com os Erasers, éramos pequenas vespas e eles grandes vacas, lentas e desajeitadas.

Dois Erasers juntaram-se para me apanhar, mas eu disparei como uma flecha, mesmo a tempo para eles chocarem um com o outro.

Ri-me ao ver Gazzy rolar sobre si como um caça, dando um soco nos queixos a um Eraser, à meia-volta. O Eraser tentou desferir-lhe um soco forte, mas acertou na coxa. Gazzy tremeu e depois deu-lhe um pontapé de lado na mão, que deve ter ficado em mau estado.

Eram quantos? Não conseguia perceber... estava tudo a acontecer demasiado depressa. Dez?

Nudge, disse a minha Voz, e então ouvi *Nudge* gritar.

Um Eraser tinha-a bem apertada nos braços, as garras a aproximarem-se da garganta. Os seus dentes começavam a roçar-lhe a pele quando caí sobre ele. Passei-lhe um braço à volta do pescoço e puxei com força, ouvindo-o engasgar-se e sufocar. Fechei o punho da outra mão e bati-lhe com força até ele largar *Nudge*.

— Pisga-te! — ordenei-lhe, e Nudge afastou-se a tossir do campo de batalha. O meu Eraser ainda se debatia, mas estava a perder forças. — É melhor levas daqui os teus amiguinhos — disse-lhe ao ouvido. — Estamos a dar-vos uma coça.

— E agora vais cair — ouvi Angel dizer num tom de voz perfeitamente neutro. Virei a cabeça e vi-a a olhar com ar sério para um Eraser que parecia confuso e paralisado. Angel virou os olhos para a água escura lá em baixo. O medo assaltou os olhos do Eraser e as suas asas dobraram-se. Caiu que nem uma pedra.

— Começas a meter-me medo, sabias? — disse-lhe eu, e não estava bem a brincar. Quer dizer, fazer um Eraser cair só por lhe dar ordem para o fazer... bolas!

E o Iggy, disse a Voz. Virei-me para ajudar Iggy, metido num corpo a corpo empatado com um Eraser.

— Ig! — gritei, estava ele a agarrar na camisa do Eraser.

— Max, sai daqui! — gritou-me ele, largando a camisa e deixando-se cair para ficar fora de alcance.

Só tive tempo para pensar «ó diabo», e então o pequeno explosivo que Iggy tinha enfiado na camisa do Eraser rebentou, abrindo-lhe um buraco muito feio no peito. O Eraser caiu redondo a tremer no chão.

E como é que o Iggy consegue manter aquilo que parece um arsenal de explosivos infinito sem que eu nem sequer desconfie? Um dia têm de me explicar.

— És... um... frigorífico... com asas — grunhiu Fang, dando socos fortes num Eraser, um por cada palavra. — E nós... somos... bai... la... ri... nos.

Respira fundo, Max, disse a minha Voz, e eu obedeci-lhe sem hesitar.

Nesse momento, senti uma pancada nas costas, entre as asas, que me tirou o ar. Rodei, de barriga para cima, usando o oxigénio que tinha metido nos pulmões e tentando sorver mais ar.

Rodopiando, juntei os pés num forte pontapé na cara do Eraser e então fiquei gelada. Ari!

Ele recuou e eu afastei-me, tonta e esperando não desmaiar. *Ari! Mas ele estava morto... Eu matei-o, não matei?*

Ari mergulhou sobre Fang, enquanto eu gritava:

— Fang!

Ari conseguiu dar um golpe no flanco de Fang, rasgando-lhe o casaco.

Cheguei-me atrás, a arfar, e avaliei a situação. Os poucos Erasers restantes estavam a bater em retirada. Lá em baixo vi um a mergulhar no oceano com um chapão dos grandes. Aquilo deve ter doído.

Agora era apenas Ari contra nós. Ele olhou em volta, mas depois deixou-se ficar para trás, juntando-se à esquadrilha.

Nós os seis reagrupámo-nos devagar enquanto Ari começava a voar desajeitadamente para longe, com as suas enormes asas a trabalharem a todo o vapor para manter o seu corpo pesado no ar. O esquadrão rodeou-o, um bando de grandes corvos mal acabados.

— Nós voltamos! — rugiu.

Era mesmo a voz de Ari.

— Eh, pá, não tens jeito nenhum a matar pessoas — gozou Fang.

7

Pairámos no ar durante alguns minutos, à espera de um segundo ataque. Para já, parecia que estávamos safos, e tive tempo para fazer a lista das nossas lesões. Fang estava a voar de lado, o braço apertado contra o flanco.

— Eu estou bem — apressou-se a dizer, quando viu que o observava.

— Angel? Gazzy? Nudge? Relatório — disse eu.

— Pernas doridas, mas tudo bem — disse Gazzy.

— Estou bem — respondeu Angel. — E o mesmo com o *Total* e a Celeste. — Celeste era um urso de peluche vestido de anjo que Angel arranhou... bem, digamos que lhe foi «dado» numa loja de brinquedos de Nova Iorque.

— Estou bem — disse Nudge, mas parecia abananada.

— O meu nariz — disse Iggy, espremendo-o para parar o sangue. — Mas não é nada.

— OK, então — disse eu. — Estamos quase em Washington e deve ser fácil desaparecermos numa grande cidade. Podemos ir?

Toda a gente acenou que sim e fizemos um arco suave para regressarmos ao nosso corredor de voo.

— Portanto... o que foi isto dos Erasers voadores? — perguntou Iggy uns minutos mais tarde.

— Um novo protótipo, talvez — disse eu. — Mas estão cheios de falhas. Veem-se aflitos para voar e lutar ao mesmo tempo.

— É tipo como se tivessem aprendido a voar há pouco tempo, não é? — disse Nudge. — Quer dizer, comparados com falcões, nós somos desajeitados. Mas, comparados com aqueles Erasers, somos, tipo, poesia em movimento.

Sorri com a descrição de Nudge, inspecionando em silêncio as minhas próprias maleitas e dores.

— Não voam nada bem — disse Angel. — E tinham as cabeças ocupadas a mandar as asas bater, em vez do «Matem todos os mutantes» do costume.

Ri-me com a sua imitação da voz rouca de um Eraser.

— Notaste mais alguma coisa de estranho? — perguntei eu.

— Queres dizer, além de o Ari que estava morto ter aparecido? — disse Gazzy.

— Sim — respondi. E nesse instante apanhei uma corrente ascendente de ar quente e deixei-me ir por um minuto, gozando uma sensação de puro prazer.

— Bem, nenhum deles me pareceu realmente familiar — disse Angel, pensativa.

Às vezes, ter à mão uma miúda de seis anos que lê os pensamentos dá jeito. Às vezes também, gostava que as leituras de Angel fossem um bocadinho mais específicas, ou que surgissem quando precisamos mesmo delas. Nesse caso talvez ela fosse capaz de nos avisar que um Eraser está prestes a aparecer para nos dizer olá. Mas às vezes só me faz nervos. Angel começava a saber controlar as pessoas com a mente — não só Erasers —, e eu não tinha a certeza de quando é que ela ia passar a fronteira, digamos, da bruxaria, por exemplo.

Pouco mais tarde, compreendi que Fang não estava ao meu lado e olhei em volta para o ver lá mais abaixo, talvez a uns cinco metros. Tinha estado calado, o que não é estranho nele, mas agora podia ver que o seu voo era desconexo e desequilibrado. A sua cara parecia mais pálida do que o costume e apertava os lábios com força.

Deixei-me ficar para trás e desci para me pôr a par dele.

— O que se passa? — disse no meu tom de «deixa-te de histórias e fala». Nunca tinha resultado com ele, mas uma rapariga tem de continuar a tentar.

— Nada — disse ele, mas a palavra saiu-lhe tensa, o que significava que estava a mentir com todos os dentes.

— Fang — comecei eu, mas então vi que o braço que ele levava preso contra o corpo estava escuro e húmido. Sangue. — O teu braço!

— Não é o meu braço — murmurou. Depois fechou os olhos e começou rapidamente a perder altitude. Mas mesmo muito depressa.

ALERTA! Um grupo de seis jovens com poderes extraordinários está em FUGA. O seu líder é Maximum Ride, ou Max, uma rapariga de 14 anos que CONSEGUE VOAR. Deve ser considerada perigosa.

MAXIMUM RIDE

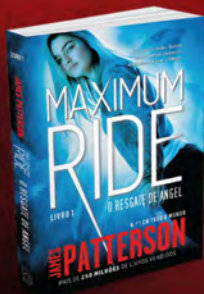
Passaram 24 horas desde que Max e o seu bando escaparam do Instituto, em Nova Iorque. Os seis amigos — alterados geneticamente para serem 98% humanos e 2% pássaros — continuam a emocionante procura dos seus pais e da verdade sobre quem são.

Embora **perseguido** pelos terríveis Erasers, o bando tenta levar uma vida normal. É assim que voltam a estudar e que Max se apaixona por um rapaz, tentando a todo o custo **não desvendar os seus poderes...**

...Mas rapidamente se apercebem de que estão a ser alvo de uma emboscada, e precisam de dizer adeus à escola para sempre. **A situação é ainda mais grave** — ela e os cinco amigos devem salvar o mundo. Mas salvá-lo de **quem? Quando? E como?**

Será o bando capaz de encontrar os seus verdadeiros pais e as respostas por que tanto anseia?

LIVRO 1



TODOS ADORAM A MAX!

«Um livro de ação constante, repleto de suspense e excitação, que deixa o leitor sem fôlego.»

— Kirkus Review

Classificação: Ficção/Juvenil
Ficção/Fantástico



Espreita o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN:978-989-8626-08-0



9 789898 626080 >

www.topseller.pt